

A TARDE de sábado, 5 de setembro de 1970, clareou súbitamente. Os dois jovens austríacos que tinham acabado de escalar o cimo do Monte Quênia, mais elevado do que os seus Alpes, espraíaram a vista sôbre a terra verde que se estendia 5.000 metros abaixo, e exultaram com a grandiosidade do momento.

Eram ambos médicos — Gerd Judmaier, de 29 anos, preparando-se para o internato no Hospital Universitário de Innsbruck, e Oswald Oelz, de 27, pesquisador médico em Zurique. Havia quatro anos que praticavam alpinismo juntos, mas nunca tinham vencido uma montanha tão imensa e de tão solitário esplendor. O Monte Quênia eleva-se tão abruptamente da selva da África Oriental que só um punhado de alpinistas atinge anualmente o cume do Batian, o mais elevado dos seus dois picos gêmeos, a 5.199 metros de altitude. No dia anterior, um grupo de quatro zambianos e dois americanos batera em retirada do tôpo, surpreendido por uma nevasca; ainda se encontravam descansando num abrigo, 750 metros abaixo.

Do alto do Batian, os dois austríacos tiraram algumas fotografias e depois, por volta das duas horas da tarde, iniciaram o regresso. Atados um ao outro, desceram cêrca de 30 metros ao longo da vertente escarpada da montanha, até atingirem terreno plano em Shipton's Notch. Oelz procurou uma rocha sólida onde pudesse fixar a corda

DRAMA NO MONTE QUÊNIA

*Durante oito dias e sete
noites o alpinista
inválido estêve à beira
da morte, enquanto
dezenas de homens
corajosos de 10 países
faziam tudo para salvá-lo,
numa das mais
espetaculares operações
de resgate nos anais
do montanhismo*

LAWRENCE ELLIOTT



amarrada à sua cintura. Judmaier, também atado à corda, debruçou-se sobre uma grande saliência para estudar o itinerário da descida.

Sobre o Vazio — Súbitamente, soou um grito agudo. Oelz voltou-se e viu que estava sozinho. A saliência cedera sob o peso de Judmaier. Oelz mergulhou sobre a corda para impedir que esta se lhe escapasse completamente pela borda. A fricção da corda dilacerou-lhe as palmas das mãos e Oelz sentiu primeiro o choque da carne ardendo e só depois a dor. Desamparado, fincou-se nos calcanhares e enrolou a corda à volta do braço, conseguindo assim impedir a queda de Judmaier ao longo da encosta quase a pique da montanha.

Com o coração batendo descompassadamente, Oelz fixou a corda e desceu até junto do amigo. Judmaier jazia numa saliência rochosa suspensa sobre o vazio. Tinha a cabeça ensangüentada, mas Oelz depressa percebeu o verdadeiro mal que afligia o amigo: a sua perna direita fôra de tal modo atingida pelo desabamento do penhasco que a extremidade pontiaguda de um osso lhe rasgara as calças. Outro pedaço de osso, com cêrca de cinco centímetros de comprimento, encontrava-se a pequena distância de Judmaier, enquanto da ferida o sangue jorrava abundantemente.

Sem perda de tempo, Oelz serviu-se de uma ligadura elástica como torniquete, apertando-a com força à volta da coxa direita de

Judmaier. «Estou perdido!» exclamou êste.

Oelz não respondeu. Prosseguiu o seu trabalho, limpando os ferimentos da cabeça de Judmaier e atando-o a uma rocha, para que não deslizesse pela borda da plataforma. Não conseguiu discordar da sombria afirmação do amigo. Se estivessem na Suíça ou na Áustria, onde havia muitos alpinistas exímios, treinados em técnicas de salvamento, ainda poderiam alimentar esperanças. Mas encontravam-se no Quênia, onde não existiam equipes profissionais de salvamento. Mesmo que houvesse, era evidente que, antes que Oelz as pudesse reunir, seu amigo teria morrido devido ao choque, à perda de sangue ou ao frio.

Tendo considerado as realidades, Oelz procurou afastá-las do pensamento. Tinha de haver algo que pudesse fazer: «Vou buscar remédios e gente para ajudar a descer você», disse. «Há ainda uma esperança.»

Judmaier acenou debilmente. «Talvez, se forem rápidos. E se você tiver sorte...»

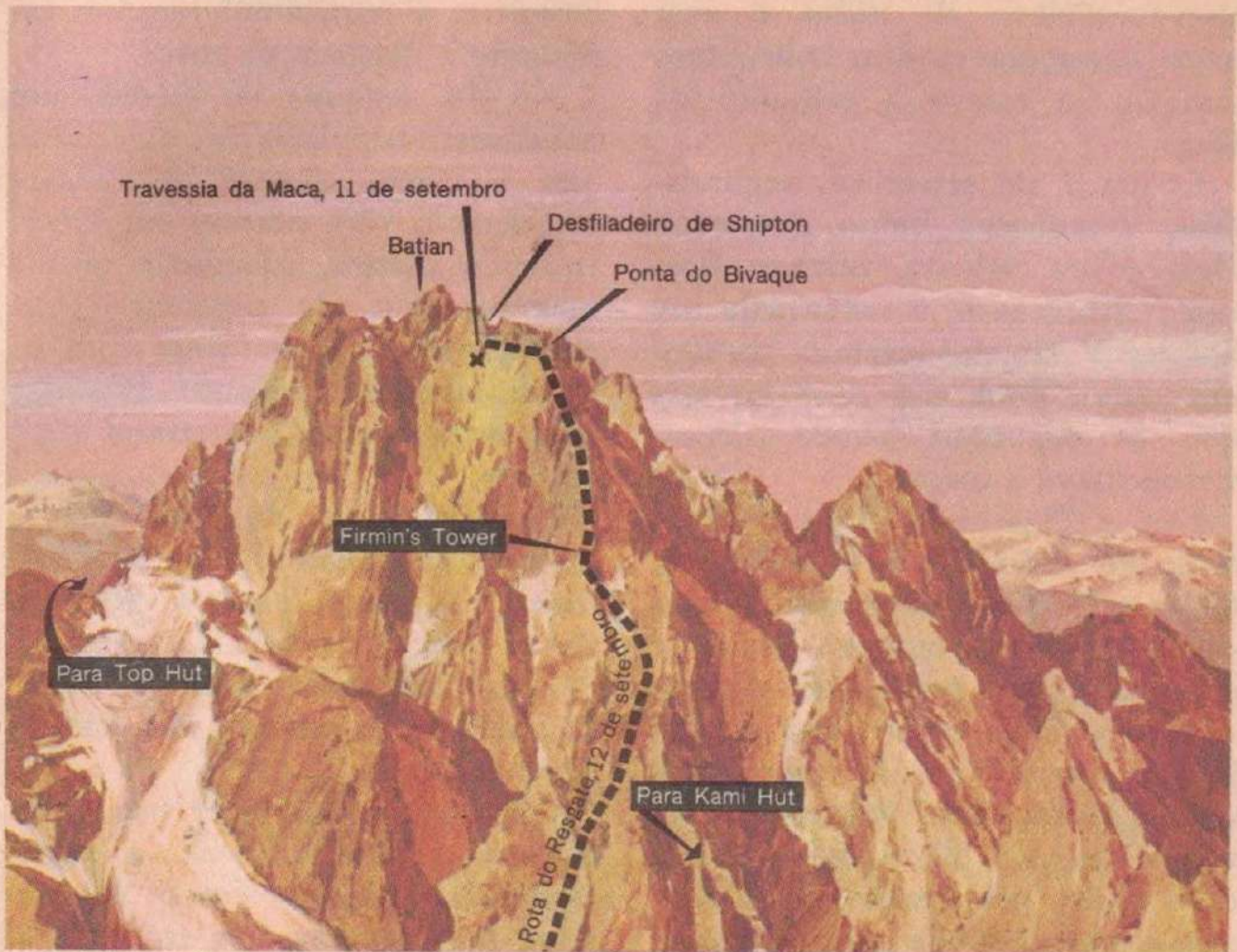
«**Temos de Tentar**» — Começara a nevar. Embora o Monte Quênia fique apenas a uns 15 km do equador, o desaparecimento do sol a uma altitude como aquela pode, em poucos minutos, provocar temperaturas gélidas. Oelz embrulhou Judmaier nos dois casacos de pele que possuíam, mais um cobertor, e enfiou-o num saco de dormir. Deixou-lhe o único mantimento que lhes restava — uma lata de frutas

em conserva. Em seguida, prendeu uma corda, tocou no ombro do amigo em sinal de adeus e deslizou pela borda.

Foi uma descida dolorosa. As palmas feridas de Oelz ardiam-lhe ao contato áspero da corda e muitas vezes teve de parar de tanta dor. Cobertas de gelo, as rochas estavam escorregadias, e a neve caía com tal intensidade que mal enxergava um ou dois passos à frente. Todavia, o seu pensamento não se desviava de Judmaier, sozinho lá no alto, exposto ao frio, e tocava adiante. Por volta das seis da tarde, Oelz chegou a Kami Hut, onde encontrou os zambianos e os americanos, a quem informou do sucedido.

Um dos zambianos, o inglês imigrado Bev Burrage, ofereceu-se para partir em busca do abrigo de Top Hut, a 4.800 metros de altitude, onde existiam medicamentos de primeiros socorros, bem como um aparelho de rádio com bateria solar. Depois de uma acidentada escalada noturna de duas horas e meia, Burrage chegou ao abrigo e avisou a polícia de Naro Moru, povoação situada no sopé da montanha.

O pedido de socorro pôs em ação uma operação de resgate, em que colaboraram funcionários dos Parques Nacionais da Montanha, a polícia do Quênia e membros do Clube de Montanhismo do Quênia, associação de apaixonados do alpinismo residentes em Nairóbi e seus arredores. Daí a cinco horas,



já o presidente do Clube de Montanhismo, Robert Chambers, estava a caminho da montanha com equipamento de salvamento. Policiais e funcionários do Parque instalaram serviços de apoio e todos os alpinistas disponíveis foram mobilizados. Infelizmente, poucos desses homens tinham feito escaladas nos últimos meses, não estando nem preparados nem aclimatados para uma missão como aquela. «Não podemos deixá-lo lá em cima», decidiram, apesar de tudo. «Temos de tentar salvá-lo.»

Enquanto isso, Burrage regressava a Kami Hut, onde chegou pelas quatro horas da tarde, trazendo consigo os primeiros socorros. Oelz,

que aproveitara para dormir um pouco, perguntou se alguém estava disposto a acompanhá-lo na subida até Shipton's Notch. Um dos norte-americanos, Richard Sykes, prontificou-se logo.

Iniciaram a escalada ao romper da alvorada. Nevou constantemente durante toda a manhã; iam muito carregados e a coragem de Sykes era maior que a sua experiência. Quando se encontravam a 90 metros de Judmaier, foram obrigados a retroceder. Quando, finalmente, conseguiram chegar a Kami, 18 alpinistas e 20 carregadores nativos já se encontravam a caminho. À noite, Chambers e mais quatro alpinistas alcançaram o refúgio. Traziam con-

sigo aparelhos de rádio e uma maca desmontável. Um helicóptero também já estava a caminho de Kami.

O dia 7 de setembro, segunda-feira, amanheceu limpo e quente. Oelz e um italiano, Silvano Borruso, iniciaram a escalada até Shipton's Notch, levando consigo um rádio. Uma das duas equipes que os seguiram pouco depois transportava a maca.

Dor e Plasma — Às 4 e 30 da tarde, nevando abundantemente, Oelz e Borruso chegaram a uma elevação sobre Shipton's Notch e gritaram para baixo, na direção de um volume escuro que sobressaía da rocha. Não obtiveram qualquer resposta. Gerd Judmaier — sozinho durante 50 horas — passara duas noites de intenso frio. Dominara-o a sensação de que, a qualquer momento, poderia escorregar pela borda da plataforma. Durante as horas do dia, o sol equatorial esgotara-lhe preciosos fluidos do corpo, deixando-o enfraquecido demais para poder lutar contra a dor que se alastrava da perna direita esfacelada.

Oelz e Borruso desceram de onde se encontravam. Gerd murmurou debilmente para Oelz: «Ao menos *você* está vivo. Pensei que também tivesse caído.» Enquanto Oelz lhe injetava um analgésico à base de morfina, Borruso tentava contato pelo rádio com Kami, para informar que Judmaier estava vivo e pedir a máxima rapidez possível. O aparelho, porém, re-

cusava-se a transmitir! Ficaram esperando a chegada da maca.

No dia seguinte de manhã, um helicóptero tripulado pelo americano Jim Hastings, que se prontificara a realizar o vôo, pousou em Kami, trazendo plasma, glucose e outros medicamentos de urgência. Uma equipe saiu imediatamente com os medicamentos, enquanto Hastings regressava à base, para trazer mais corda.

Pouco depois do meio-dia, o inglês John Temple arrastou finalmente a maca para a saliência onde jazia Judmaier. Observou a palidez cadavérica dêste e disse: «É melhor começarmos já a descida. Eu o carrego.»

Oelz deu a Judmaier mais uma injeção e imobilizou-lhe a perna quebrada, usando como tala o tripé de uma máquina fotográfica. Depois, com a ajuda de Borruso, instalou Judmaier na maca, que suspendeu às costas de Temple. Mas o corpo do ferido era sacudido por insuportáveis convulsões de dor, e Oelz gritou: «Ponham-no no chão! Ele está morrendo!»

Só a chegada da equipe com o plasma e a glucose salvou Judmaier, nessa tarde.

Na manhã seguinte, quarta-feira, ouviu-se o ruído dos motores do helicóptero que se dirigia para os lados de Kami; uma vaga de esperança animou os homens que se encontravam na montanha. Sabiam que o helicóptero não poderia içar Judmaier de um ponto a 5.200 metros de altitude, mas, se tivesse

trazido corda e equipamento suficiente, e se o aparelho aguardasse em Kami para conduzir o ferido, ainda havia uma esperança. Súbitamente, porém, ouviu-se um estrondo terrível. Hastings manobrava para pousar, quando, talvez apanhado por uma corrente de ar, foi arremessado contra o flanco da montanha, tendo morte instantânea. Exausto e profundamente desanimado, Judmaier limitou-se a esconder a cabeça no saco de campanha.

Contra Tudo — Enquanto isso, o pai da vítima, o professor Fritz Judmaier, partira da Áustria a caminho do Quênia, depois de alertar uma equipe de especialistas em socorro, de Innsbruck, para estar pronta a seguir para África em caso de necessidade. Judmaier soubera da intrepidez e coragem com que o grupo poliglota no Quênia tentara salvar seu filho, o que apenas o esgotamento físico e a inexperiência tinham impedido. Depois de desembarcar em Nairóbi, na quinta-feira, o professor Judmaier telefonou para Innsbruck, a 6.500 km de distância: «Venham imediatamente, por favor!» foram as suas palavras para um membro da equipe de socorro. Duas horas depois, seis especialistas austríacos tinham reunido o seu equipamento e tomavam lugares num avião, chefiados pelo médico Raimund Magreiter, colega de Oswald Oelz e Gerd Judmaier.

Para o ferido, a noite de quarta-feira foi a mais difícil de passar. Febril, com todos os dedos dos pés gelados, pediu água durante um

sono agitado, mas recusou-se a beber quando Oelz lhe levou o líquido aos lábios. Na manhã seguinte, porém, Judmaier manteve-se teimosamente vivo. Murmurou: «Se morrer agora, a morte daquele americano terá sido em vão.»

Nesse dia e no seguinte, enfrentando tôdas as dificuldades, 34 homens lutavam na montanha para trazer Judmaier para baixo. Esgotados pelo mínimo esforço numa atmosfera rarefeita, fustigados intermitentemente por tempestades de neve e por um frio cortante, revezavam-se no trabalho. Conseguiram baixar Judmaier uns 120 metros, até um pequeno abrigo natural na confluência de duas cristas, a que chamaram Ponta do Bivaque. Não foram mais longe nessa noite.

Na manhã de sexta-feira, os austríacos desembarcaram em Nairóbi. Seguiram numa Cessna da polícia até Nanyuki, de onde iniciaram a viagem de 50 km até Kami Hut, dos quais os últimos 15 tinham de ser feitos a pé. Chegaram por volta da meia-noite e passaram o resto da noite ultimando os preparativos para a escalada final.

Ao romper do sábado, os austríacos iniciaram a subida. Por essa altura, os homens que se encontravam na Ponta do Bivaque estavam entorpecidos e desalentados. Oelz, apesar da sua provação, recusou-se a arredar pé de junto do amigo. Judmaier, por sua vez, oscilava entre o coma e a vigília. Mal se mexeu quando, num esforço imenso, Chambers, Temple e os outros

companheiros o baixaram mais 120 metros. Êste esforço consumiu-lhes as últimas energias e deixaram-se cair, pálidos de fadiga. Começou então a chover, e alguém cobriu o rosto de Judmaier com um pedaço de plástico.

Decorrido algum tempo, Gerd sentiu que lhe descobriam o rosto. Ouviu Oelz dizer: «Êle está muito mal.» E, depois, outra voz: «Eh, homem, não fizemos tôda esta viagem para nada!»

Judmaier abriu os olhos e deparou com o capacete de um alpinista tirolês. «Está ouvindo?» interpeleu um austríaco, Horst Bergmann, sorridente. «Não vai estragar tudo agora!»

«Conseguimos!» — Moviam-se com enorme velocidade, graças em grande parte aos preparativos dos alpinistas locais. Os austríacos possuíam treino e equipamento que lhes permitiam, em poucos minutos, colocar cabos para as mais íngremes descidas, e, além disso, estavam suficientemente frescos para poder transportar rapidamente Judmaier para baixo. Quando chegaram à traiçoeira Firmin's Tower, fizeram passar cêrca de 200 metros de uma forte corda de nylon sôbre roldanas especiais, conservando, dêsse modo, a maca na posição horizontal. Em 60 minutos de intensa agonia, tinham descido Judmaier ao longo

de 40 metros, na seção mais escarpada da face norte.

Veio depois a tarefa arrasadora de transportar o ferido sôbre encostas íngremes e rochas geladas. Cêrca das 10 horas da noite, atingiram terreno plano. À meia-noite, avistaram as luzes de Kami. «Graças a Deus, conseguimos!» exclamou alguém.

E, na verdade, conseguiram. Realizando uma das mais surpreendentes proezas do alpinismo, os austríacos tinham viajado 6.500 km, escalado o cume do mais perigoso pico de África e arrebatado das garras da morte um homem que estivera, paralisado e só, praticamente perdido, durante oito dias e sete noites — e isso em 54 inacreditáveis horas.

Quando êste artigo foi escrito, as operações e a convalescença de Gerd Judmaier ainda não tinham terminado, mas êle sente uma infinita gratidão pelos homens que lutaram para lhe salvar a vida. Talvez o mais significativo dos tributos seja o de seu pai, que agradeceu, emocionado, a todos os voluntários, referindo-se depois a Hastings, o piloto morto: «Curvo-me respeitosamente ante a memória deste jovem que sacrificou a vida por alguém que nunca chegara a conhecer. Seu nome jamais será esquecido em nossa casa.»



VOCÊ JÁ reparou que quando alguém que você conhece é nomeado para um alto cargo você fica dividido entre o orgulho e o receio por seu país?

— L. F.